

Os credores discutem nossa situação

— É muito dinheiro, e não será fácil convencer os bancos regionais menores e os bancos europeus a aceitar.

Assim um banqueiro regional norte-americano comentou ontem em Washington a notícia de que o Fundo Monetário Internacional e os diretores dos maiores bancos comerciais concordaram em conceder ao Brasil um pacote de empréstimos no valor de US\$ 6,5 bilhões. Já nos meios bancários de Londres se estimou que os bancos britânicos reagirão provavelmente de forma positiva ao projeto do novo empréstimo internacional em favor do Brasil e que lhe possibilitaria fechar o balanço de pagamentos do ano que vem.

O mesmo banqueiro norte-americano acrescentou:

— Concordamos em que é preciso fazer algo para resolver os problemas de falta de liquidez do Brasil, mas muitos de nós sentimos que o método fracionado atual é a solução.

Já se elevam a US\$ 2,3 bilhões os compromissos vencidos do Brasil, cuja dívida externa é superior a US\$ 90 bilhões. Os banqueiros calculam que grande parte dos US\$ 6,5 bilhões prometidos servirão para liquidar aqueles compromissos à medida que forem vencendo.

A cifra de US\$ 6,5 bilhões corresponde aproximadamente ao que os bancos consideravam como o "máximo tolerável", enquanto se comentava que o Brasil exigia de US\$ 8 a 9 bilhões. Alguns bancos teriam preferido limitar o novo empréstimo a US\$ 6 bilhões, ao que se informou em Londres.

A confirmar

Antes de dar sua resposta definitiva ao comitê de bancos presidido em Washington pelo Citibank, os bancos britânicos desejaram provavelmente obter uma confirmação das participações governamentais nesse pa-

cote, bem como certos esclarecimentos a respeito da carta de intenções dirigida há 15 dias pelo governo brasileiro ao diretor-geral do FMI, Jacques de Larosière.

Ainda conforme se comentou em Londres, a situação econômica e social do Brasil será igualmente acompanhada atentamente, sobretudo após a decisão do Congresso de rejeitar o Decreto-Lei nº 2.024.

Segundo funcionários do FMI, o pacote de empréstimo também abrange US\$ 2,5 bilhões em créditos para a exportação, concedidos por vários governos, e US\$ 2 bilhões do Clube de Paris, grupo de governos ocidentais criado em 1956 e que se reúne sempre que um país pede assistência para o reescalonamento de suas dívidas. Assim, o valor total dos empréstimos ao Brasil se elevará a US\$ 11 bilhões.

Para tornar efetivo o plano de ajuda financeira ao Brasil, os 850 bancos internacionais credores da dívida brasileira deverão responder por escrito até o dia 15 de novembro se aceitam participar do pacote.

De acordo com o porta-voz do Deutsche Bank (Banco Alemão), Wilfried Guth, a massa creditícia dos bancos destinada ao Brasil aumentaria então 10%. Ele informou que o Brasil deve aos bancos internacionais US\$ 44 bilhões a médio prazo mas o total da dívida a esses bancos chega a US\$ 56 bilhões (a totalidade do débito aos credores internacionais ultrapassa os US\$ 90 bilhões).

A demanda financeira do Brasil é estimada, segundo cálculos do FMI, em US\$ 12,9 bilhões para 1983 e em US\$ 12,4 bilhões para 1984. Contudo, o Brasil só tem garantidos a médio prazo US\$ 9,2 bilhões para este ano e US\$ 7,2 bilhões para o ano que vem.

Para os últimos meses deste ano, o Brasil terá uma demanda de crédito de US\$ 4 bilhões e, para 1984, de US\$ 5 a 6 bilhões, estimam os especialistas, que acham que

com o acordo anunciado em Washington se avançaria um grande passo para resolver os problemas financeiros do país mais endividado do mundo.

Interdependência

Já o Instituto para a Economia Internacional divulgou estudo segundo o qual durante os próximos 18 meses os bancos comerciais concederão empréstimos "involuntários" ao Brasil, Argentina e México, porque deles depende a "saúde" dos principais bancos ocidentais.

Todavia, a recuperação desses países, os mais endividados do mundo, está sujeita a uma recuperação econômica dos membros da Organização Para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), formada pelas 24 nações mais ricas do Ocidente, para evitar taxas de juros "estratosféricas" e variações "extremas" nos preços do petróleo, acrescenta o estudo.

William Cline, diretor do Instituto, explica:

— Hoje em dia, a interdependência financeira conduz a ambas as direções, e a saúde dos bancos ocidentais depende enormemente de vários países latino-americanos. Para os nove principais bancos dos Estados Unidos, os créditos ao Brasil significam 46% de seu capital, enquanto que os do México totalizam 44% e, os da Argentina, 18%. Se o Brasil declarar uma moratória, os juros perdidos e as reservas paralelas apagarão a metade dos lucros anuais desses bancos. Os saldos principais e juros somente da Argentina, Brasil e México consumiriam não só os lucros mas também um terço do capital desses bancos.

De qualquer forma, Cline entende que, com base nos mais recentes resultados a situação é alentadora e prediz que os déficits externos declinarão substancialmente no Brasil e na Argentina em 1984 e em 1985.